



As europas pensadas por Agustina Bessa-Luís

The Europes Through Agustina Bessa-Luís' Mind

Maria do Carmo Pinheiro Silva Cardoso Mendes

Universidade do Minho, Braga/ Portugal

mcpinheiro@ilch.uminho.pt

<http://orcid.org/0000-0002-5353-4976>

Resumo: O ensaio pretende analisar as reflexões de Agustina Bessa-Luís sobre a paisagem cultural da Europa. Para isso, foca-se em textos ensaísticos e em ficções narrativas nos quais a escritora portuguesa se propôs a combater aquilo que considera a atrofia das “funções da reflexão e da meditação”. A “paisagem cultural” da Europa, a que Agustina dedicou uma parte relevante da sua obra, é olhada quer em percursos pelo continente europeu, quer na comparação dos valores da Europa com valores de outros continentes.

Palavras-chave: Bessa-Luís (Agustina); Europa; paisagem cultural.

Abstract: The essay aims to examine Agustina Bessa-Luís' analyses on the cultural landscape of Europe. It focuses on essayistic texts and narrative fictions in which the portuguese writer sought to combat what she considers the atrophy of the “functions of reflection and meditation”. The “cultural landscape” of Europe, to which Agustina devoted a significant part of her work, is seen both in journeys across the European continent and in the comparison of European values with values from other continents.

Keywords: Bessa-Luís (Agustina); Europe; cultural landscape.

1.

No *Dicionário imperfeito* (originalmente publicado em 1997), Agustina Bessa-Luís dedica uma entrada ao conceito de cultura que, ao fim de poucas linhas, constitui uma ponderação sobre o espírito cultural europeu – ou a sua mímica. Em um tempo em que a Europa se debate com múltiplas crises e em que alguns vaticinam o fim de um projeto comum em que legítimas inquietações de cada país parecem ofuscar o sentido de uma união europeia e em que a vertigem mediática entrava a reflexão mais serena, não será despiciendo voltar ao pensamento de Agustina Bessa-Luís, escritora cujo primeiro centenário de nascimento se assinala, este ano, sobre a Europa. Trata-se de um pensamento que, sob diversas formas – ensaística e romanesca –, a escritora nos propõe, sobretudo, a “voltarmos os olhos para a paisagem cultural da Europa” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 67). É esse exercício que a própria escritora realiza na entrada referida, afirmando, de forma cáustica, que “estão atrofiadas as funções da reflexão e da meditação” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 67).

Mais adiante, Agustina dedica uma entrada à Europa e nela se pode observar uma visão desencantada sobre o continente, lapidarmente enunciada nas primeiras afirmações: “A Europa está vencida por uma imensa amargura” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 106). No momento presente, as duas causas principais da angústia europeia – os reflexos de uma asfixiante pandemia e uma brutal guerra na Europa – não são, naturalmente, identificáveis nas reflexões de Agustina; mas, em cada uma delas (especialmente na segunda), é possível identificar esse atrofiamento da reflexão e da meditação na paisagem cultural europeia, assinalado há várias décadas pela escritora. Agustina combateu-o, ensaística e ficcionalmente, em uma extensa carreira de escrita que se expandiu durante quase um século. Se os seus romances se apresentam como desafio para leitores apressados, isso acontece porque neles são propostos tempos de meditação e de introspecção, pausas que permitem a disponibilidade para ir além das evidências; se os seus ensaios se afiguram por vezes agrestes em juízos de valor, isso acontece porque se interessou profundamente pelo continente europeu, pelo país onde nasceu e viveu e pelos territórios por onde viajou. Hostil ao juízo fácil, ao elogio gratuito e à imponderação, Agustina pensou a Europa e o seu lugar no mundo. Participou de encontros de reflexão sobre o continente, escreveu profusamente sobre os valores que devem orientar a paisagem

cultural europeia (ressalvo que uso a expressão “paisagem cultural” em sentido metafórico), e olhou para além dela, sentido que melhor a compreenderia observando outras paisagens culturais.

São essas reflexões sobre a Europa que procurarei analisar neste ensaio, focando-as em dois géneros cultivados por Agustina: o ensaístico, representado em conferências e artigos, e, sobretudo, o literário, tomando como referência um género que Agustina cultivou e no qual o continente ocupa um lugar privilegiado: as narrativas de viagens. Neste, a meditação sobre a Europa passa por exercícios comparativos com espaços não europeus, destacando-se, como se verá, o Brasil e o Oriente. Da comparação resulta, também um aprofundamento da ideia de Europa em Agustina Bessa-Luís.

2.

Uma visão desencantada sobre a Europa é a que se desprende de um artigo publicado por Agustina no *Diário de notícias*, em 1985. Assinala a carência de pensamento da Europa sobre si própria, a vertigem do momento e as debilidades (económicas e sociais) do continente, que, creio, não se afastam substancialmente do momento presente, quase quarenta anos passados sobre estes comentários:

A Europa sem caféina ou, pelo menos, a Europa sem chauvinismo político e sem intolerâncias básicas, chega tarde ao mundo dos grandes espaços onde não se debatem ideias, mas se registam factos. E factos cada vez mais amparados pelo aparato dos *mass media*¹ e pelo volume dos negócios intercontinentais. As guerras são simples ganha-pão de agentes de produção; a fome é um programa de desertificação de áreas infectadas pelas ideias. As ideias [...] são cada vez mais escusadas na civilização nuclear que nos é destinada. (BESSA-LUÍS, 2017, p. 1229)

De ideias tratam as narrativas de Agustina. No que refere ao seu empenho em analisar o que a Europa respeita, são os seus textos de viagens que mais incisivamente possibilitam uma dupla interrogação: sobre a imagem do Outro e sobre a identidade do Eu. Agustina viajou pela Europa (também pelo Brasil, consagrando, a esse percurso,

¹ Mídia de massa.

Breviário do Brasil) e condensou, em *Embaixada a Calígula*, uma demorada reflexão sobre a cultura europeia nas suas múltiplas formas – literária, pictórica, cinematográfica, de hábitos, peculiaridades territoriais e formas de vida singulares – e sobre o futuro do continente – político, social e cultural. O seu olhar atento à diversidade cumpre o sentido de génio da Europa, tal como George Steiner o enunciou: “O génio da Europa é o génio da diversidade linguística, cultural e social, de um mosaico pródigo” (STEINER, 2005, p. 7).

Um dos propósitos da viagem de Agustina, realizada no início da década de 1960 e relatada em *Embaixada a Calígula*, contraria aquela tendência de atrofiamento da reflexão dentro da Europa: um encontro de escritores e pensadores na localidade francesa de Lourmarin pretendia

esclarecer alguns pontos relacionados com a decadência do espírito do Ocidente, com os seus males de provincialismo e de consciência perseguida, com as suas enfermidades de isolacionismo e de minoria que pensa a subtileza e o desespero. (BESSA-LUÍS, 2009, p. 104)

A viagem constituiu também a oportunidade para a escritora realizar um longo trajeto por países europeus: Espanha, França e Itália. Neles, buscou as raízes culturais da Europa, os seus artistas mais reputados (escritores, pintores, compositores musicais e escultores) e interrogou-se sobre o porvir da Europa. Distanciou-se, assim, da ambição do turista, para se assumir como viajante cultural – herdeira dos propósitos que definiam o *Grand Tour* de notáveis viajantes europeus como Sterne ou Goethe:

Não é a nossa época propícia aos relatos de viagens. [...] Muita gente muda de lugar, passa de um a outro continente. Mas a viagem, com o seu mistério e a sua intimação à consciência, com as suas alegrias que nascem inexplicavelmente dum golpe de vento na poeira sobre uma ponte, numa sensação de vida isolada e profunda quando atravessamos uma terra estrangeira – ah, essa viagem poucos a podem experimentar! (BESSA-LUÍS, 2009, p. 11-12)

É na conjugação do trajeto físico com o percurso mental que Agustina, escritora-viajante, elabora o retrato – pretérito, presente e futuro – da Europa. Por isso, a convocação de múltiplas manifestações culturais não é, em *Embaixada a Calígula*, um mero exercício de

coleccionismo turístico. As referências a pintores, como El Greco, Goya, Picasso, Miguel Ângelo, Botticelli e Giotto, a escritores, como Cervantes, Corneille, Stendhal, Balzac, Proust e Dante, ou a compositores, como Mozart e Verdi, tem um sentido muito explícito: encontrar neles e nos valores culturais que artisticamente veicularam formas de resistência contra os autoritarismos que marcaram a História da Europa do século XX. Também neste aspeto, a reflexão de Agustina se aproxima da de Steiner, para quem duas guerras mundiais, matanças étnicas, torturas, perseguições e humilhações de judeus, converteram a Europa do século passado em cenário de morte e de uma imensa bestialidade. Sublinhe-se que a narrativa de Agustina antecipa, no título, a viagem de um grupo de judeus marginalizados a Roma, com o intuito de convencerem o imperador Caio César, Calígula, a fazer respeitar os direitos de um povo maltratado. O fracasso da embaixada liderada por Fílon de Alexandria metaforiza, porventura, o próprio sentimento de frustração de Agustina no encontro de Lourmarin, dedicado ao tema “O sentimento europeu”. Observa Silvina Rodrigues Lopes (2017, p. 195) que o tema deste colóquio, realizado na França,

aparece no livro sobretudo como um sintoma, e a análise da situação em que esse tema surge – a do niilismo de massas e da intromissão do comércio no controlo das consciências – convertem a participação de Agustina no colóquio numa outra “Embaixada a Calígula”.

O declínio do continente europeu é explicado por muitos fatores, sobressaindo, na visão de Agustina, o desinteresse pela cultura humanista: se um grupo de intelectuais reunido em congresso se mostra pouco disponível para escutar reflexões de colegas, não será de esperar que o debate sobre a Europa ocorra de outro modo, com outros intervenientes menos vocacionados para se dedicarem ao pensamento.

As opções do percurso realizado em *Embaixada a Calígula* demonstram um esforço de reabilitação de uma Europa pouco conhecida, ou conhecida apenas nos seus centros de interesse turístico. Apresenta-se, nesta viagem, o “espírito do lugar”: pequenas povoações de Espanha, França e Itália são transformadas em espaços extraordinários que, por vezes, recordam o paraíso bíblico. Caminhos misteriosos, regatos, árvores e flores definem lugares que teriam agradado aos deuses da Antiguidade.

Embaixada a Calígula assume-se, pois, como uma missão intelectual e estética. A crise europeia retratada no texto – crise de valores, de isolamento e de confronto com outras culturas – é o ponto de partida para uma reflexão sobre o futuro que, para Agustina, deverá trilhar dois caminhos: o da arte, primeira manifestação da beleza, e o da identidade como educação do olhar sobre o passado.

3.

Sendo certo que a Europa, sobretudo na sua dimensão cultural, interessou Agustina, o continente também foi ainda um pretexto para a escritora superar visões eurocêntricas. Dito de outro modo, a sua visão sobre a Europa torna-se mais completa olhando-a por um prisma geograficamente distanciado. Duas outras narrativas, o texto de viagens *Breviário do Brasil* e o romance *A quinta-essência*, expõem não só essa tarefa de ver para além do “lugar doméstico” (o território europeu), como ainda a consciência de que um entendimento mais esclarecido desse lugar passa por observar outros.

Em *Breviário do Brasil* (escrito em 1989 e publicado dois anos mais tarde), Agustina reitera a demarcação, já identificada em *Embaixada a Calígula*, entre o turista e o viajante. Confessa que não procurou, no país sul-americano, marcas da presença portuguesa, mas um lugar repleto de mitos e mistérios. Assevera ainda que não realizou esta viagem ao Brasil para “fotografar tipos e paisagens e divagar sobre a História comum dos dois países”, mas para procurar a identidade “a que cada país tem direito” (BESSA-LUÍS, 1991, p. 53).

Se, em *Embaixada a Calígula*, Agustina faz uma viagem que congrega representação mítica da natureza, contacto com lugares, linguagens, povos e modos de vida, e revisitação estética – da literatura, da pintura, da música, da filosofia e da arquitetura europeias –, em *Breviário do Brasil* propõe-se, como o próprio título sugere, reunir em livro os ofícios que os sacerdotes católicos rezam diariamente. O breviário é, na definição de Catherine Dumas (2002, p. 35), “uma compilação abreviada de celebrações ritualizadas: o ofício divino da religião católica, o protocolo das sessões dos tribunais ou as celebrações de amor, entre outras”. Quer isto dizer que a viagem cultural promovida pelo Centro Nacional de Cultura, na qual Agustina, com outros intelectuais, participou, em 1989, concretiza o conceito formulado por Dumas, pois tal viagem inscreve-se

[...] no tempo cíclico que toca a eternidade, ao contrário do diário que, mesmo que retomado dia a dia, tem um começo e um fim [...]. Para Agustina Bessa-Luís, o livro prolonga a utilidade muito além do fim da viagem, através da liturgia que o fundamenta. (DUMAS, 2002, p. 35)

São frequentes, ao longo da narrativa, as formulações da vertente religiosa desta viagem:

Escrevo este livro como se pusesse o joelho em terra no confessionário do Brasil, e contasse peripécias que são amores bem compreendidos. Há uma ternura imensa em correr o Brasil em simples reza, onde não entram memórias, só uma fê tranquila. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 36)

uma viagem como esta é um recreio baseado em exercícios espirituais, e não um percurso à recomendação da História (BESSA-LUÍS, 1991, p. 38)

Não creio que *Breviário do Brasil* possa ser interpretado como peregrinação no sentido estrito do termo, envolvendo uma intencionalidade devota; mas a peregrinação comporta uma outra significação e esta está presente no texto de Agustina: trata-se já não de veicular a fé de um peregrino, mas de desvendar lugares, usos, costumes, lendas e mitos. Nesse ato de desocultação dos mistérios de um lugar outro, são questionados lugares-comuns que o espaço estrangeiro muitas vezes suscita.

O questionamento de estereótipos associados ao Brasil e a construção de uma imagem humanizada, intimista e emotiva do país constituem dois aspetos nucleares da narrativa.

Assinala Álvaro Manuel Machado que as narrativas de viagens operam numa negociação entre alteridade e identidade, diferença e similaridade, tornando-se, por isso, textos fecundos de estudos da chamada imagologia:

Textos que revelam, no próprio confronto com o espaço estrangeiro [...], um princípio fundador: não há alteridade sem uma qualquer forma de identidade que propicie, simultaneamente, a distância e a aproximação. Ou antes: a aproximação baseada na própria distância (MACHADO, 2011, p. 83)

Esta negociação presentifica-se em *Breviário do Brasil*, na insistência do distanciamento entre turista e viajante:

Para o turista, o que conta é o folclore, muitas vezes degradado e reduzido à sensibilidade cosmopolita; os vestígios nobres da presença colonial vão-se apagando, e alguns, em breve tempo, serão irrecuperável ruína. (BESSA-LUIS, 1991, p. 15)

O que vi do Brasil todos o podem ver em passeio guiado, com um pároco de permeio e algumas senhoras abraçadas às cartilhas turísticas. Mas o que eu vi além disso dá para uma síntese tão resumida, que em dois traços cinjo o Brasil e me sobra compasso e tira-linhas. Foi a bondade de povo prudente o que me impressionou. Um olhar leve e quase compungido, de nos ver estranhos em terra tão imensa. (BESSA-LUIS, 1991, p. 44)

Ver “além disso” significa ao longo da narrativa uma representação insistentemente humanizada do Brasil. A viagem de Agustina tem um carácter iniciático enquanto (re)descoberta de si mesma. É orientada pela curiosidade, pela emoção, por uma certa inocência e pela subtil capacidade de dedicar atenção a singularidades, como pode verificar-se nas seguintes passagens, onde a semântica destaca traços de ternura e bondade:

O brasileiro é desvelado com os filhos, tem uma paciência deliciosa para os atender [...]. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 17)

Há uma ternura imensa em correr o Brasil em simples reza [...]. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 36)

Foi a bondade do povo prudente e triste o que me impressionou. Um olhar leve e quase compungido, de nos ver estranhos em terra tão imensa [...]. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 44)

Para onde quer que me volte, tenho que crer e admirar. Gente boa, que até Lampião tinha sentimento no coração errante; gente de muitas almas e conversas [...]. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 61)

Mas o mais importante para mim do que vi, foi esse cáldo rosto da bondade, feliz, se o surpreendemos, triste se o ignoramos. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 151)

A recusa de estereótipos, inequívoca em *Breviário do Brasil*, merece um breve excuro. Considera o comparatista Daniel-Henri Pageaux (2004, p. 140-141) que

[...] o estudo do estereótipo, encarado como uma forma elementar, caricatural mesmo da imagem, é obscurecido pela questão da falsidade e dos seus efeitos perniciosos no plano cultural. [...] Se admitirmos que toda a cultura pode ser considerada, a dado tempo, como um espaço de invenção, de produção e de transmissão de signos [...], o estereótipo apresenta-se não como um ‘signo’ (como uma possível representação geradora de significações), mas como um ‘sinal’ que remete automaticamente para uma única interpretação possível. O estereótipo é o índice de uma comunicação unívoca, de uma cultura em vias de bloqueio [...]. O estereótipo é o figurável monomorfo e monossêmico [...]. O estereótipo coloca, de forma implícita, uma constante hierárquica, uma verdadeira dicotomia do mundo e das culturas.

Agustina procura em *Breviário do Brasil* afastar-se de chavões, o que equivale a dizer que não sustenta uma hierarquia de culturas nem aceita uma imagem unívoca do Brasil: “Devo dizer que não me interessa nada o que se diz em geral do Brasil e dos brasileiros. São coisas sem nenhuma relevância; sem nenhuma importância no que se pensa que são coisas muito bem vistas” (BESSA-LUÍS, 1991, p. 26).

Alguns lugares-comuns associados ao Brasil constituem para Agustina índices de ignorância ou, nos termos de Pageaux, de uma visão monossêmica que associa o país à alegria e à festa permanentes:

Nesta viagem, [...] recorta-se um continente austero, que pouca gente vê. Só lhe percebem o samba e o violão; mas, por dentro, o Brasil é imensamente severo. Como a floresta e o rumor dos rios que nela abrem caminho. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 165)

Agustina compreende a viagem em sentido idêntico ao de Michel Onfray, que aconselha ao viajante “um olho vivo”, “um olhar mordaz” e uma “percepção de predador”; “o viajante necessita não tanto de uma capacidade teórica, mas antes de uma aptidão para a visão” (ONFRAY, 2009, p. 65-66), e recusa as imagens empobrecedoras do Outro, isto é, os estereótipos que o viajante muitas vezes associa ao destino eleito:

[...] é sempre apazível submeter a multiplicidade inalcançável à unidade facilmente compreensível: Africanos dotados para o ritmo, Chineses fanáticos pelo comércio, Asiáticos em geral com tendência para a dissimulação, Japoneses extremamente educados, Alemães obcecados pela ordem, Suíços famosos

pela sua limpeza, Franceses arrogantes, Ingleses egocêntricos, Espanhóis orgulhosos e fascinados pela morte, Italianos fúteis, Turcos desconfiados, Canadianos hospitaleiros, Russos com inclinação para a fatalidade, Brasileiros hedonistas, Argentinos corroídos pelo ressentimento e pela melancolia e, evidentemente, Magrebinos que excelam na hipocrisia e na delinquência. (ONFRAY, 2009, p. 57-58)

A leitura de *Breviário do Brasil* permite ainda evidenciar a importância do país na sua história pessoal e familiar². O Brasil é uma presença precoce na sua vida e na sua formação: aos doze anos leu a poesia de José de Alencar; na infância conheceu a revista *Tico-Tico* e leu o romance *O guarani*: “li-o um pouco surpreendida. Eu não passara ainda de Dumas e de Hugo; fiquei a pensar naquelas terras onde bramiam os rios e aconteciam inundações pavorosas; e os coqueiros do rei eram tão altos como catedrais” (BESSA-LUÍS, 1991, p. 23).

Às referências biográficas junta-se um conjunto de alusões a obras e a autores de literatura brasileira, tomando assim a viagem uma natureza cultural que, por vezes, aproxima escritores – portugueses e brasileiros. João Cabral de Mello Neto, Manuel Bandeira, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, José Montello, Gonçalves Dias, Gilberto Freyre e Clarice Lispector são alguns dos escritores que marcam esta viagem, ao lado dos portugueses Pero Vaz de Caminha, padre António Vieira e Ferreira de Castro. Parece haver um cuidado de Agustina na seleção de escritores portugueses diretamente vinculados ao Brasil (é o caso de Ferreira de Castro) ou na criação de nexos de proximidade entre escritores brasileiros e portugueses. É assim que, no Recife, recorda o poeta Manuel Bandeira e a poetisa Clarice Lispector e sente, no primeiro caso, o “tom pessoano nos versos que parecem vento empurrando folhas” (BESSA-LUÍS, 1991, p. 23).

² Em “Portugal-Brasil, a memória pede meia sombra”, Agustina recupera a evocação do seu precoce conhecimento do Brasil e do papel deste país na vida da sua família: “Eu comecei muito cedo a conhecer o Brasil. Meu pai foi para o Rio aos doze anos, recomendado por um tio que tinha na Baía e para quem a fortuna foi amável. É muito diferente conhecer um país como itinerário, com a consulta académica dos seus livros, e conhecê-lo de maneira quotidiana, natural e familiar. Eu conheci o Brasil assim, antes de cruzar as suas portas com o passaporte na mão” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 251-252)

Este aspeto representa um primeiro vínculo entre os dois países. Ao longo do texto, Agustina encontra outros motivos de aproximação: a descoberta do Outro torna-se, então, uma redescoberta da própria identidade.

A comparação é frequente nestas notas de viagem: espaços, realidades e comportamentos são, com frequência, vistos pela sua proximidade. Comparar significa superar imagens empobrecedoras e estereotipadas, reduzidas a lugares-comuns: “Quanto mais as regiões se distinguem em costumes e tradições, mais a curiosidade dos povos é por eles acentuada e a criação é libertada da tirania do modelo único” (BESSA-LUÍS, 1991, p. 21).

Esta observação de Agustina traduz uma visão nietzschiana da arte de viajar, em termos muito similares àqueles que são propostos por Michel Onfray (2009, p. 60):

[...] não há verdades absolutas, mas verdades relativas, não há padrões de medidas ideológicas, metafísicas ou ontológicas para avaliar as outras civilizações, não há instrumentos comparativos que imponham a leitura de um lugar a partir das referências de outro, mas o desejo de deixar-se impregnar pelo líquido local, à semelhança dos vasos comunicantes.

Quando reflete sobre a natureza dos dois povos, afirma Agustina.

Os portugueses, como os brasileiros, não gostam de coisas difíceis; chegam à perfeição à custa de apurar o que é fácil. É uma maneira de viver bastante honesta, porque no sentido da glória há sempre algo de vão e predador. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 12)

As imagens de vários lugares percorridos vinculam-se, na memória, a espaços portugueses, em um exercício dominado por termos comparativos:

Se entramos em Curitiba, alegra-nos o pinheiro de altas copas, e dele dizemos que nos lembra o pinheiro litoral ou da montanha, pinheiro sempre, emblema da paisagem portuguesa. Lembra, e é diferente. As feiras [...] lembram coisas nossas. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 45-46)

Em Ouro Preto,

tudo lembra o Douro, de Portugal [...]. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 111)

São Paulo é uma cidade que tem ainda bairros residenciais arborizados com aspecto sonolento, como nas praias da Granja e Valadares [...]. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 136)

Vista do lado oposto, Cachoeira tem semelhanças com a paisagem do Douro. (BESSA-LUÍS, 1991, p. 158-159)

A comparação não significa, todavia, concessão à mimese ou uma mera procura dos vestígios da presença portuguesa no Brasil. Sendo *Breviário do Brasil* “uma digressão em torno da psicologia dos povos” (BESSA-LUÍS, 1991, p. 86), interessam a Agustina muito mais traços humanos que vinculam portugueses e brasileiros – mormente quando esses traços são identificados em figuras da cultura – do que fotografias de “tipos e paisagens”, “por muito belos que sejam os monumentos por nós deixados e o nosso programa cultural que se vai desvanecendo” (BESSA-LUÍS, 1991, p. 87).

A comparação também não significa uma menor adesão ao Brasil, exaltado nos seus lugares, nos seus ritmos diferenciados de região para região, no espírito dos seus lugares, nos hábitos alimentares, nas suas tradições e costumes e, sobretudo, no seu património cultural (literário, musical, arquitetónico). Bastaria, para isso, considerar o relevo concedido a personagens e episódios – factuais e lendários – da História do Brasil: o escultor e entalhador barroco Aleijadinho, o ativista anticolonial Tiradentes, a personagem lendária do escravo Chico Rei, a “rainha do Maranhão” Donana Jansen, a história de amor de Lampião e Maria Bonita, entre outros.

Breviário do Brasil é, em síntese, uma visão descentrada e aberta de um viajante, liberta de um espírito nacionalista, eurocentrado e limitado.

4.

O Oriente foi para Agustina “um mundo para desvendar, tão profundo e avassalador que deixava muito atrás a história da Europa” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 149).

Escrito em 1999, o ano que marcou a transferência de Macau para a China, o romance *A quinta-essência* abrange diegeticamente um período cronológico que se estende de 1974, o ano da Revolução de abril, até 1987, o ano em que Portugal e a China assinam a “Declaração conjunta”. Mas, nesta temporalidade diegética, são incluídos outros momentos que remontam à chegada e à ocupação portuguesa do Oriente.

O leitor acompanha as múltiplas leituras realizadas pela narradora para a reconstituição histórica de Macau: livros de viagens escritos por missionários, navegadores, diplomatas, comerciantes, funcionários régios; obras fundamentais de literatura chinesa, com destaque para o tratado militar *A arte da guerra*, escrito no século IV a.C. pelo estratega Sun Tzu (Sūn Wǔ 孙武), e *O sonho no Pavilhão Vermelho* (1715), do escritor chinês Cao Xueqin (Cáo Xuěqín 曹雪芹).

O protagonista de *A quinta-essência* sofre um processo de reconfiguração identitária na longa estadia em Macau: se inicialmente partilha alguns estereótipos associados aos orientais – por exemplo, aquele que faz de Macau apenas um paraíso do jogo –, em pouco tempo virá a sentir-se fascinado pela língua, pela literatura e pela cultura orientais. Essa reconfiguração da identidade desempenha um papel crucial no desvendamento da personalidade do poeta decadentista Camilo Pessanha: José Carlos sente uma irreprimível “paixão em descobrir aquele homem bizarro, intolerável” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 119), reconstrói a vida do poeta português no território e chega a mimetizar alguns dos seus comportamentos: é, como Pessanha, colecionador de objetos de arte; tenta tornar-se, como o poeta decadentista, um sinólogo.

A literatura oriental representa o mais relevante centro de interesse de José Carlos: é um leitor apaixonado de *A arte da guerra* e de *O sonho no pavilhão vermelho*. Inicia um aturado estudo sobre a vida de Cao Xueqin, escritor seiscentista chinês, e do seu romance inacabado, cuja leitura será determinante na vida de José Carlos, pois, durante um longo período, imagina que “viveu com ele no pavilhão vermelho, rodeado de primas, e irmãs e cunhadas e criadas que faziam uma multidão chilreante e laboriosa” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 150). A sua dedicação à língua e à literatura chinesas é reconhecida em um convite para lecionar Literatura Comparada na Universidade de Xangai, onde poderia seguir “no trilha dos poetas chineses que ele amava tanto” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 278).

A transformação profunda da identidade de José Carlos é consumada pela aceitação local de que ele é mais um habitante do território. O próprio, já muito distante das primeiras imagens – eurocêntricas – que elaborou sobre o Oriente, se afasta dos lugares-comuns que a História foi associando a esse espaço Outro:

Estava completamente outro homem desde que se entregara à vida na China. Já não despertava curiosidade em ninguém [...]. Ao pensar em como eram amáveis para ele, custava-lhe acreditar

nos horríveis casos contados por marinheiros e mercadores e que faziam na Europa grande repulsa pelo povo do Império chinês [...]. (BESSA-LUÍS, 1999, p. 257)

Parecia ter entrado na pele dum mandarim. (BESSA-LUÍS, 1999, p. 277)

O progressivo adentramento emocional de José Carlos, em Macau, expande-se a todos os aspetos que definem a cultura oriental. Os jardins, que passam a ocupar na sua vida um lugar preponderante quando adocece com gravidade, são uma das mais relevantes matérias de reflexão. Para além de salientar a dedicação dos jardineiros chineses – “com uma alma livre de qualquer conflito, pelo que as plantas não sentem o queixume do ser humano e se entregam aos seus cuidados” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 78) – e de analisar a arquitetura oriental dos jardins, José Carlos discorre sobre a influência que eles exerceram na cultura inglesa.

O interesse pela História de Macau é muito acentuado no romance. Caracterizado como “porta da China” e “feitoria de muitos interesses e poderes” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 167), o território é objeto de um número muito significativo de considerações que, não se circunscrevendo ao rigor da factualidade histórica, abre caminho para reflexões, comentários e juízos de valor – na sua maioria atribuídos ao protagonista – sobre o passado e o presente, e a sua relação com Portugal e o resto da Europa. Neste sentido, Agustina comenta a posição económica de Macau como entreposto portuário na costa da China a partir do final do século XVI; identifica, no passado do território, imagens de aventuras, de histórias fabulosas, de piratarias e de associações secretas; reconhece Macau como lugar de partida e de chegada de muitos viajantes e espaço impermeável a alterações de regimes políticos; valoriza, no território, o acolhimento de negociantes, viajantes temporários e missionários:

Macau, independentemente do regime que o controlava e dos poderes divididos entre portugueses e mandarins, atraía toda a espécie de viajantes em busca de negócios prósperos e fáceis, como o do ópio foi, em pleno dia e na maior impunidade. Macau era também um posto de missão religiosa, e onde, em vistas da evangelização da China, se aprendia o chinês sem correr os riscos das leis de Cantão. (BESSA-LUÍS, 1999, p. 175)

Estas imagens exaustivas do passado de Macau dele fizeram, para Agustina, um lugar excepcional no qual “mais talvez do que em qualquer outro lugar do mundo”, se cruzaram “as pessoas mais extraordinárias e complexas que é possível encontrar” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 177): missionários e estudiosos da língua chinesa, negociantes e aventureiros.

A presença portuguesa no Oriente – uma oscilação entre a missão do “santo” e “a ação do pirata” – é bem-sucedida porque “o português agiu sempre entre duas aspirações, verdadeiras ambas, mas impossíveis de se entenderem entre si – a do negócio e a do Quinto Império” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 79).

Se a disponibilidade emocional do protagonista de *A quinta-essência* o predispõe a ultrapassar imagens reducionistas do Oriente, tal superação é ainda confirmada por juízos de valor da narradora, nos quais esse longínquo lugar é “Um mundo [...] que deixava muito atrás a história da Europa”. Assim se poderá concluir que, se o leitor pretender fazer um exercício de comparação Ocidente-Oriente neste romance, deve partir da premissa de recusa do eurocentrismo. Dito de outra forma, o ponto de vista do Outro merece um lugar privilegiado em *A quinta-essência* e, de quando em quando, aquelas imagens do Oriente que os europeus foram perpetuando são postas em causa. É o que acontece nos comentários sobre práticas de magia, um dos elementos mais dissonantes com a cultura ocidental: “Tudo o que os europeus deturpavam, cobriam de ridículo e de horror, e raramente aprofundavam com seriedade e competência, fizera a crónica revoltante dum povo, cujo génio místico e sensual não estava ao alcance da sensibilidade ilusória do europeu” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 189).

José Carlos Pessanha tem consciência que a sua visão eurocêntrica pode ser um entrave à compreensão de rituais orientais. Refletindo sobre a importância do tempo de espera de um convidado na cultura chinesa, conclui que só terá capacidade de o compreender se abandonar a sua atitude de europeu:

Um mandarim faz-se esperar três horas em sinal de apreço pelo seu convidado. O tempo é-lhe oferecido como a maior das homenagens, e o hóspede pode desfrutar dele, chegando mais velho à entrevista, o que se define como outra honra. É difícil de perceber para o europeu e também para o chinês ocidentalizado, esta minuciosa e intrincada rede das relações. (BESSA-LUÍS, 1999, p. 158)

O afastamento de Agustina de padrões de eurocentrismo civilizacional poderá sintetizar-se na metáfora: “Macau [era] um território à parte, uma espécie de Sintra do Oriente que os ingleses descobriram com o seu talento natural para ignorar o homem e confinar-se à natureza” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 260).

Comparar hábitos e costumes europeus com os chineses significa “cair na insensatez” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 108). E o pior que pode acontecer a Macau é precisamente deixar-se dominar pela cultura ocidental: a antevisão pessimista da narradora sobre o que acontecerá após a assinatura da Declaração Conjunta revela não só o fim de uma presença harmoniosa – a dos portugueses –, mas sobretudo uma visão desencantada sobre a eventual perda de identidade do território:

Macau transformava-se tornando-se como um prolongamento de Hong Kong, no estilo novaiorquino [...]. As fortalezas, as ermidas, as armas da cidade com as cinco quinas de Portugal, ornadas com cinco besantes de prata, iam desaparecer mais dia menos dia. O país de cocagne ia desaparecer. [...] José Carlos voltou à pátria. (BESSA-LUÍS, 1999, p. 364-365)

Apesar da etimologia obscura, a expressão “país de cocanha” (mito medieval ao qual Brueghel, o Velho, dedicou um quadro em 1567), designa, no francês do século XIII, um país imaginário onde tudo é abundância. José Carlos regressa a Portugal porque parece antever para o território um futuro carente de identidade, mas continuará a sentir que a influência oriental na sua vida permanecerá para sempre: a casa adquirida em Lisboa “fazia [-lhe] lembrar a sua casa de Macau” e tudo à sua volta lhe parece “abaixo do seu mérito e dos seus estudos” (BESSA-LUÍS, 1999, p. 370). Retoma os hábitos e a paixão pela cultura chinesa, em particular por uma narrativa que o fascinou durante vários anos: *O sonho no pavilhão vermelho*.

5.

Os textos literários convocados possibilitam uma reflexão, cuja atualidade não desapareceu, sobre a Europa de Agustina: uma Europa humanista, de valores, de disponibilidade para o Outro e de compreensão de que pode e deve ser perspetividade numa visão mais ampla que se alarga a outros continentes e a outras culturas.

Breviário do Brasil e *A quinta-essência* são narrativas que superam uma visão eurocêntrica do Outro.

Embaixada a Calígula propõe uma reflexão sobre a essência da Europa que, na visão de Agustina, radica na sua cultura e nos seus valores humanistas, assim como na disponibilidade para olhar e aprender com o Outro.

O Outro aparece a Agustina imune a uma atitude eurocêntrica e, por consequência, desvinculado de estereótipos e do que o conceito representa.

Referências

- BESSA-LUÍS, A. *A quinta-essência*. Lisboa: Guimarães Editora, 1999.
- BESSA-LUÍS, A. *Breviário do Brasil*. Lisboa: Guimarães Editora, 1991.
- BESSA-LUÍS, A. *Contemplanção carinhosa da angústia*. Lisboa: Guimarães Editora, 2000.
- BESSA-LUÍS, A. *Dicionário imperfeito*. Lisboa: Guimarães Editores, 2008.
- BESSA-LUÍS, A. *Embaixada a Calígula*. Lisboa: Guimarães Editores, 2009.
- BESSA-LUÍS, A. *Ensaios e artigos (1951-2017)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- DUMAS, C. *Estética e personagens nos romances de Agustina Bessa-Luís*. Porto: Campo das Letras, 2002.
- LOPES, S. R. O excesso da destinação como performatividade errante. In: LEÃO, I. P. de et al. (coord.). *Ética e política na obra de Agustina Bessa-Luís*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2017. p. 191-197.
- MACHADO, Á. M. Estudos culturais e literatura comparada: o primado da literatura. *Diacrítica*, n. 25/3, p. 81-102, 2011.
- ONFRAY, M. *Teoria da viagem*. Uma poética da geografia. Lisboa: Quetzal, 2009.

PAGEAUX, D-H. Da imagética cultural ao imaginário. *In*: BRUNEL, P.; CHEVREL, Y. (org.). *Compêndio de literatura comparada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 133-166.

STEINER, G. *A ideia de Europa*. Lisboa: Gradiva, 2005.